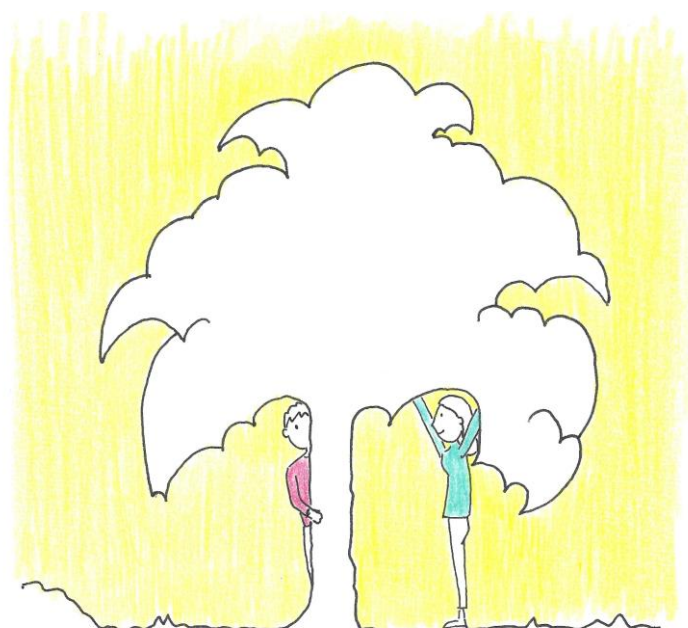


Liberdade



*Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper 'nos fala sobre termos e mentalidades:
Liberdade*

Original: educacion.press/2017/06/05/terminos-y-mentalidades-libertad/

Quem não deseja que seu filho, ou aluno, seja livre? Porém, o que é ser livre e como se educa?

Na publicação anterior falamos sobre a responsabilidade e já vimos que diversas mentalidades sobre ela correspondem a **duas perspectivas** sobre a liberdade. Segundo essas mentalidades, a frase "seja responsável" ressoa na cabeça da criança ou jovem de forma distinta. Aqui nos perguntamos se o mesmo ocorre quando dizemos "seja livre!"

O que expusemos a respeito é que, quem entende a responsabilidade em **termos legais**, entende a liberdade como ser *livre de*, mas quem entende a responsabilidade em **termos de agência**, entende a liberdade como ser *livre para*.

¹ *Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.*



Que diferença há entre essas duas liberdades? Bem, basicamente, ser *livre de* é entender que a liberdade significa que as cargas que me impedem de mover-me em minha tomada de decisões são removidas. Poderíamos dizer que se equipara a não ter limitações, constrictões ou pobreza. Portanto, disso se deduz que se pode ser livre ou não, em função de se há ou não constrictões. Em contrapartida, ser *livre para* é entender que a liberdade é a possibilidade da entrega pessoal. Em tal caso, essa liberdade nunca se perde, pois, por muitas limitações que existam, sempre há um **reduo íntimo que nunca será anulado**.

A este respeito, Victor Frank dizia que, durante o holocausto judeu, ele via entrar, na câmara de gás, alguns rezando e outros empurrando quem estava à sua volta, tentando livrar-se. Logo, se até em casos tão extremos, existe lugar para a decisão, quanto mais na vida cotidiana! *It is up to you*. Além disso, a *liberdade para* entende as limitações, **não como constrictões, senão como possibilidades**. Quanto a isto, mencionamos que a dupla visão de limitação, a veremos em outro momento.

No *livre de*, a liberdade é algo que se tem (ou não) e não cabe falar de educar a liberdade. No *livre para*, a liberdade é algo que se é e se pode crescer para ser mais livre, e se educa, como se educa a entrega pessoal.

No **âmbito emocional**, há pessoas que pensam que ser livre é ser *autêntico* e expressar com naturalidade e espontaneidade as próprias emoções, pelas quais vale a pena deixar-se levar. Assim, ser livre é fazer o que *deseja*. Mas então, nos surge uma dúvida: na realidade, se sempre se faz o que dá vontade, quem é que decide, eu mesmo ou “o desejo”? Outros pensam que alguém é livre porque **domina suas emoções**: “*Eu tenho o controle!*”; e levando ao extremo, será: “*Eu decido o que sentir!*” Porém, “*Quem é esse Eu?*” Em tal caso, se poderia dizer que esse *Eu* é “*Somente eu e nada mais que eu, o que eu veja, o que eu queira*”. Deste modo, nos encontramos com a dificuldade para diferenciar este *eu-isolado* dos próprios caprichos. Cumpre-se o dito de que os extremos se tocam. O que ambos, sim, têm em comum, é que entendem que ser livre é ser *livre de* influências ou pressões.

Segundo estas premissas que temos exposto, a consequência encontrada nas relações com os demais é que o *livre de* vive as relações interpessoais como uma carga e o *livre para* as vive como o **prazer do crescimento**. Assim, pois, educar na liberdade, *para* a liberdade ou *pela* liberdade, coincide com viver a experiência prazerosa da entrega nas relações interpessoais. A liberdade cresce na medida que cresce a entrega pessoal. Portanto, se alguém acredita que se educa *em, para* ou *pela* liberdade porque se deem explicações conceituais sobre ela, se equivoca.



Piaget já disse que os princípios psicológicos se constroem antes que os princípios conceituais. Esta referência a Piaget, que pode soar um tanto complicada, não é mais que uma forma de dizer que **a vida e a experiência da mesma** é o que antecede a toda a definição conceitual ou teórica que realizemos. A vida vai sempre primeiro. Antes, durante e depois. Em contrapartida, em muitas ocasiões, o adulto recorre ao educar na base de conceitos e explicações, o qual, a meu parecer, é equivocado (em outro momento, discutiremos isto). Deixamos simplesmente em que a vida, a real, a vivida, antecede e é a base de tudo, também de nossos conceitos, e, neste caso, o de *liberdade*.

Há quem pense que se educa em uma ou outra forma de liberdade através da tomada de decisões. Certamente, a liberdade em que se vive faz com que a tomada de decisões seja de uma forma ou de outra. Mas, quem pensa que se educa **em um tipo ou outro de liberdade**, centrando-se na tomada de decisões, se equivoca, pois há algo que a antecede, a vida sempre antecede. Por isso, em vez de perguntar-se em que tipo de liberdade quer educar, ou, antes de entrar em matéria de tomada de decisões, verifique que experiência de relações interpessoais se vive em sua casa ou em sua aula.

Se a criança e o jovem encontram que as relações interpessoais entranham a possibilidade de experimentar o prazer do crescimento pessoal, colocará estas como suas referências. Em sua liberdade, de forma natural, buscará o **encontro com o outro** e a liberdade tomará forma de *liberdade para*. *Livre para encontrar-me contigo*, liberdade que nunca pode ser cerceada e sempre será aberta a um crescimento maior. Quem não desejará entregar-se quando se vive o prazer do encontro?

Como sempre, surgirá o conciliador dizendo que tem que educar nas diversas concepções de liberdade. Esses conciliadores fazem muito mal à educação, pois, mesmo com a intenção de resolver o problema, o que fazem é perpetuá-lo. Desde o menor, nunca se alcança o maior. Quando enxergarão! Em contrapartida, desde o maior, pouco a pouco, o menor é requerido e reluz em todo seu esplendor.

Assim, pois, convém não se esgotar em eternas discussões dentro de casa ou em reuniões de professores sobre o que é a liberdade, mas é melhor perguntar-se: que estilo de relações interpessoais estou propiciando? Permita-me dizer que a criança, o jovem, não é tolo e **ele/ela saberá descobrir como o adulto entende a liberdade, em função da experiência de relação pessoal que viva com você.**